

## A diáspora chinesa na fronteira Brasil/Paraguai: *fluxos globais e dinâmicas locais de um processo migratório em transformação*

Rosana Pinheiro-Machado

**Como citar:** MACHADO, R. P. A diáspora chinesa na fronteira Brasil/Paraguai: *fluxos globais e dinâmicas locais de um processo migratório em transformação*. In: TEIXEIRA, P. E.; BRAGA, A. M. C. BAENINGER, R. (org). **Migrações: Implicações passadas, presentes e futuras**. Marília: Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 257-278  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-267-3>. p. 257-278



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# A DIÁSPORA CHINESA NA FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI: FLUXOS GLOBAIS E DINÂMICAS LOCAIS DE UM PROCESSO MIGRATÓRIO EM TRANSFORMAÇÃO

*Rosana Pinheiro-Machado<sup>1</sup>*

## INTRODUÇÃO

Nem parecia inverno no sul do Brasil, quando os termômetros marcavam 35 graus em pleno julho de 2006. As cataratas de Foz do Iguaçu estavam secas e os turistas frustrados. A Ponte da Amizade, que divide o Brasil e o Paraguai, já não estava tão lotada de comerciantes como outrora. Se alguém que nunca tivesse visitado a fronteira antes, estivesse lá naquela época e visse a multidão que atravessava incessantemente de um país para outro, não conseguiria imaginar de que tal multidão é quase nada se comparada àquela de tempos atrás... O esvaziamento, entretanto, não era fruto do clima atípico, mas de um processo social mais amplo que vem ocorrendo nessa fronteira, nos últimos anos.

---

<sup>1</sup> Antropóloga, professora e coordenadora de pesquisa da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM Sul. E-mail: rmachado@espm.br ou rpinheiromachado@yahoo.com.br

Eu estava retornando de mais uma temporada de trabalho de campo, encontrava-me ansiosa para atravessar a Ponte e rever Lily, minha principal informante, uma chinesa de Guangdong, que mora no Paraguai e é proprietária de loja de bolsas, chapéus e miniaturas de perfumes *Dior*. Diante de todas as dificuldades que me deparei ao fazer o trabalho de campo entre a comunidade chinesa na fronteira, Lily era uma luz no fim do túnel, com sua disponibilidade para me receber. Atravessei a Ponte de *mototaxi* para chegar mais rápido a Ciudad del Este, no lado paraguaio. Já preparando o sorriso do reencontro, dirigi-me imediatamente à galeria onde era a sua loja, mas só encontrei o deprimente ambiente de luzes apagadas, pedaços de papelão espalhados e uma placa dizendo: aluga-se.

Lily tinha fechado a sua loja no Paraguai e aberto uma menor em Foz do Iguaçu, no lado brasileiro da fronteira. A readaptação é fruto de uma conjuntura brasileira, e também internacional, de combate ao contrabando e à pirataria que se estabeleceu nos últimos anos, e que produz implicações diretas num contexto macrossocial, que é a diáspora chinesa da contemporaneidade. Ciudad del Este, de aproximadamente 250 mil habitantes, recebe uma comunidade de cerca de 10 mil imigrantes chineses<sup>2</sup> – quase a metade do que existia no início dos anos de 1990, auge do comércio fronteiriço, dos sacoleiros brasileiros e dos imigrantes que chegavam para abrir lojas e importar mercadorias da China. Uma grande parte desses comerciantes trabalha em Ciudad del Este e mora no lado brasileiro de Foz do Iguaçu.

Ciudad del Este, assim, já foi um dos maiores centros comerciais do mundo no ramo de “pequenos bens *made in China*”. Em outras palavras, bugigangas: bolsas, tênis, perfumes, eletrônicos, informática, falsificações, acessórios para a casa. É, ainda, a segunda maior saída de contrabando do mundo (para o Brasil) e, conseqüentemente, uma das mais visadas por ser também considerada uma das quatro fronteiras internacionais mais perigosas devido às práticas ilegais que atravessam por ela. Comerciantes chineses e árabes, turistas e sacoleiros movimentam essa economia que, segundos dados da Receita Federal, chega a dois bilhões de dólares anuais. Apesar da decadência, ela ainda representa uma das maiores

---

<sup>2</sup> Esse número leva em consideração os chineses que moram tanto no lado brasileiro da fronteira, em Foz do Iguaçu, quanto em Ciudad del Este. Mas, praticamente, todo esse contingente trabalha no lado paraguaio.

fontes de subsistência do Paraguai. Todavia, com a pressão internacional e a fiscalização federal brasileira, esse comércio drasticamente anuncia seu fim, contabilizando uma queda de até 80% no lucro de muitos donos de lojas, fazendo com que muitos deles – a maioria composta por imigrantes – fechassem seus estabelecimentos.

Esses fatos acarretaram em um reordenamento da imigração chinesa na América Latina. Assim como Lily, muitos comerciantes estão fechando suas lojas e encontrando novas possibilidades de vida. Abrir um negócio em Foz do Iguaçu é a solução mais imediata e menos drástica. São Paulo, México, Estados Unidos, países da América Central, ou até mesmo o retorno à terra natal, também, aparecem como alternativas aos imigrantes que deixam o Paraguai. Assim, nos dias de hoje, pode-se observar um processo claro que incita novos fluxos migratórios de dimensões internacionais.

Neste artigo, explora-se uma faceta recente da diáspora chinesa, que foi impulsionada pela distribuição de mercadorias baratas *made in China* em escala internacional. Por meio desse processo, formaram-se diversas rotas comerciais chinesas. O estudo abordou a cadeia global no eixo China-Paraguai-Brasil. A pesquisa aqui apresentada diz respeito a uma parte desse mercado, a fronteira Brasil/Paraguai, que atua como um grande entreposto de mercadorias. Analisam-se, para tanto, algumas particularidades da migração chinesa que se estabeleceu em Ciudad del Este, para, então, argumentar que a especificidade dessa comunidade reside na forma como a mesma se constituiu ante um contexto que apontava a uma crescente fiscalização do comércio lá estabelecido.

A pesquisa etnográfica foi conduzida entre os anos de 2003 e 2006. Nos dois primeiros, foram realizadas algumas viagens pontuais para Ciudad del Este, com duração de 48 horas cada, acompanhando comerciantes brasileiros da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Já nos últimos dois anos de pesquisa, foram realizadas viagens mais longas para a fronteira, com estadia em Foz do Iguaçu e atravessando diariamente a Ponte da Amizade – a pé, de mototáxi, de ônibus, *van* ou carro – para chegar à Ciudad del Este. O objeto de estudo não era mais o comércio realizado por sacoleiros, mas aquele realizado por imigrantes chineses, proprietários de lojas na cidade paraguaia. Naquele período, também,

realizou-se pesquisa sobre a fiscalização propriamente dita, a partir do contato estabelecido com agentes da Receita e Polícia Federal, tanto na rotina de trabalho da Ponte da Amizade quanto nas sedes dessas instituições.

Por fim, este artigo divide-se em quatro partes. Na primeira, tecem-se algumas considerações sobre a diáspora chinesa e como a mesma chegou à fronteira Brasil-Paraguai, formando uma comunidade de características singulares. Posteriormente, analisa-se a ideia de autocentramento, que ocorre entre os imigrantes e o papel da família no contexto migratório e de negócios. Na terceira parte, discutem-se os pequenos dramas cotidianos advindos das relações interétnicas entre chineses, brasileiros e paraguaios. Finalmente, apresentam-se as consequências do processo fiscalizador contra o contrabando e a pirataria que começou a se fortalecer nos anos 2000 e as consequências disso para o planejamento de novos movimentos migratórios.

#### **A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE CHINESA NA FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI**

Após a abertura econômica, em 1978, a China começou a produzir mercadorias baratas em massa, as quais foram comercializadas em escala internacional. A maioria das fábricas está localizada na província de Guangdong, no sul da China, na região do Delta do Rio da Pérola, onde também se encontram as principais Zonas Econômicas Especiais do país, como Shenzhen. Trata-se de uma área voltada para o mar, cuja tradição de comércio marítimo ultrapassa os séculos. Devido a essas características, historicamente, um grande contingente de pessoas tem deixado essa província desde o século XVI (DYKE, 2005; PAN, 2006).

Embora a diáspora chinesa tenha se configurado desde longa data, a explosão da imigração chinesa, para todas as direções, deu-se no século XIX, especialmente, em virtude da Guerra do Ópio, obtendo, assim, uma dimensão internacional, e não apenas concentrada nos países do sudeste asiático, que representa 80% da diáspora. Na continuidade histórica desse processo, os imigrantes de Ciudad del Este podem ser classificados como um contingente representativo das ondas recentes da diáspora que se deu a partir da segunda metade do século XX, em direção aos chamados “países novos” e Europa. Esses grupos são, em geral, compostos por refugiados de

guerra ou pessoas atingidas pela crise econômica vivida na China, nos anos 70 (MAMUNG, 2000; TROLLIET, 2000).

A inauguração da Ponte da Amizade entre Brasil e Paraguai, em 1975, despontou como um horizonte propício à atividade comercial, pois havia um caminho aberto numa fronteira internacional em plena Tríplice Fronteira<sup>3</sup>. Alguns imigrantes que estavam em São Paulo dirigiram-se para Ciudad del Este, mas a maioria é fruto de um rumo direto vindo da China. Os taiwaneses são mais antigos na ocupação da fronteira (entre 1970 e 1980), graças às relações diplomáticas estabelecidas entre Taiwan e Paraguai. Com a abertura econômica da China e o incentivo à produção de mercadorias baratas e de cópias, nos anos 1980 e 1990, começaram a chegar pessoas da República Popular da China, especialmente os cantoneses (da província de Guangdong).

Assim, semelhante a muitas comunidades chinesas, caracterizadas por seguirem mais ou menos um padrão geográfico, dialetal ou étnico (CHAN, 1995), as manifestações culturais da fronteira Brasil/Paraguai - embora sejam heterogêneas, diversificando posições religiosas e políticas - caracterizam-se por abrigar taiwaneses e cantoneses, que saíram da China para comercializar produtos baratos *made in China*. A grande maioria dos imigrantes dedica-se ao comércio fronteiriço. Segundo Troillet (2000) e MaMung (2000), que produziram estudos de referência sobre a diáspora chinesa, uma das suas principais marcas na atualidade é o desenvolvimento do pequeno comércio, onde as esferas da casa, do lazer e da loja confundem-se. Na fronteira, praticamente, todos os chineses não só trabalham em lojas, mas também vendem o mesmo tipo de mercadoria: brinquedos, ferramentas, enfeites para a casa, perfumes e eletrônicos.

Conquanto a presença de elementos da cultura chinesa seja demasiadamente reconhecível em Ciudad del Este, a cidade não abriga um espaço denominado *chinatown* – o modelo convencional de ocupação urbana da imigração chinesa. Afinal, os chineses estão espalhados por toda a cidade, não apenas restritos em um único bairro. Ademais, ainda

---

<sup>3</sup> Diversos pesquisadores têm pesquisado a Tríplice Fronteira nos últimos anos, sob múltiplas abordagens, cf. <http://www.observatoriotf.com>. Alguns destes estudos encontram-se nas coletâneas organizadas por MACAGNO, Lorenzo; BÉLIVEAU, Verónica Giménez; MONTENEGRO, Silvia. *A Tríplice Fronteira Espaços Nacionais e Dinâmicas Locais*. Curitiba: UFPR, 2011; bem como na organizada por BÉLIVEAU, Verónica Giménez; MONTENEGRO, Silvia. *La Triple Frontera. Dinámicas culturales y procesos transnacionales*. Buenos Aires: Espacio, 2010.

têm de dividir o mesmo espaço com árabes e paraguaios. Existe uma vasta bibliografia sobre as *chinatowns*, visto que, estas, são essenciais para compreender a diáspora ao recriarem a sociedade e a cultura chinesa sob o ponto de vista dos grupos migrantes. Em geral, caracterizam-se por agregar várias gerações e uma população que trabalha em diversos ramos de negócios e comércio.

Nessa direção, pode-se apontar mais uma peculiaridade de Ciudad del Este: há um certo padrão no aspecto geracional. A maioria é composta por casais da primeira geração de imigrantes, que possuem entre 40 e 50 anos de idade, e os seus filhos são adolescentes ou jovens. Como já mencionado anteriormente, lá se encontra sempre o mesmo tipo de loja e mercadorias. Não há diversificação profissional, sequer lojas ou restaurantes de produtos chineses para turistas, como há nas *chinatowns* de metrópoles como Nova York, São Francisco ou Paris, por exemplo. Os poucos restaurantes que lá existem são para servir a comunidade, possuindo uma ambiência não acolhedora aos turistas. Toda a imigração, portanto, gira em torno do comércio *made in China*.

Esse tipo de comércio - que movimentou uma das mais novas ondas da diáspora - costuma estar presente em diversas *chinatowns*. As implicações - em âmbito político, econômico e social em escala internacional - provocadas por esse tipo de comércio são abrangentes. No que se refere ao aspecto nacional, impulsionou um processo interno de migração das áreas rurais para as urbanas, contingente calculado entre 170 a 200 milhões de pessoas, classificadas como “populações flutuantes” (SOLINGER, 1999; ZHANG, 2001; PUN, 2003, 2005; HARVEY, 2008). No aspecto concernente à diáspora internacional, esse novo mercado estimulou centenas de milhares de pessoas a emigrarem da China, direcionando-se a locais, muitas vezes, jamais ocupados anteriormente por chineses. Uma das consequências disso são as próprias mudanças das antigas *chinatowns*, que se confrontam com problemas identitários em face de um novo contingente que chega para comercializar, muitas vezes, produtos combatidos pelo mercado hegemônico mundial.

Nos últimos anos, desde 2003, o controle aduaneiro na fronteira tem causado transformações bruscas no quadro da imigração, fazendo com que grande parte dos chineses deixe a região. Entre os informantes,

escutava-se seguidamente a frase: “Ciudad del Este acabou!” – o que aponta para o esgotamento das possibilidades de mercado daquele espaço que, outrora, havia sido fonte de enriquecimento rápido para muitas famílias. Esse contingente que vai deixando a fronteira dirige-se a locais diversos, especialmente, onde possuem *guanxi* (redes de relacionamento social) e, assim, a diáspora chinesa – que é uma teia de pessoas interligadas e interdependentes – vai sofrendo reordenações em escala internacional.

Desse modo, os dados apresentados neste artigo devem ser pensados como registros de campo de uma comunidade situada em um tempo e um espaço particular. A imagem retratada dos imigrantes, aqui, constitui uma espécie de fotografia de uma comunidade que, talvez, deixará de existir em poucos anos – ao menos, na forma tal como ela se apresenta hoje. Trata-se, nesse sentido, de uma comunidade temporária e mutante, que foi inicialmente formada pelo estímulo da produção em massa de mercadorias *made in China*, mas que, hoje, apresenta seus limites ante o contexto de fiscalização ao contrabando e à pirataria da região fronteira brasileira.

A presença chinesa na fronteira faz parte de um todo mais amplo e interconectado. Quando mexe numa peça do sistema, o efeito é reverberante. Entender a dinâmica social de Ciudad del Este pode ser uma chave para compreender as mudanças que estão ocorrendo em muitas cidades e países que, pouco a pouco, recebem novos grupos de imigrantes que deixam a região. Um dos exemplos visíveis desse processo é o papel que São Paulo tem ocupado atualmente no mercado popular brasileiro, no momento em que, cada vez mais, passa a se constituir como centro de distribuição de mercadorias chinesas baratas no Brasil, tomando o lugar que Ciudad del Este ocupou nos anos de 1980 e 1990.

#### **YI GE XIN, YI GE ZHONGGUO: A COMUNIDADE CHINESA E O PAPEL DA FAMÍLIA COMO LÓCUS DE PROTEÇÃO**

A comunidade chinesa da fronteira reside entre Ciudad del Este e Foz do Iguaçu. Muitos moram no lado brasileiro e trabalham no outro país; outros trabalham e moram no Paraguai, mas possuem atividades regulares em Foz do Iguaçu. Existe, portanto, um fluxo intenso de passagem pela Ponte da Amizade, bem como um contato contínuo com brasileiros,

paraguaios e demais grupos migrantes que estão na região - tal como a comunidade sírio-libanesa. Tal diversidade provoca uma negociação identitária ante o contexto relacional no qual os imigrantes se encontram.

Ao longo do trabalho de campo, algumas falas sobre o relacionamento interétnico eram recorrentes. Por um lado, os estrangeiros eram vistos como uma ameaça à paz, à ordem e à harmonia familiar – segundo categorias nativas. Em contrapartida, o mundo chinês era tratado como um *locus* seguro de proteção. No que se refere aos estrangeiros, havia uma classificação que dividia aqueles que ameaçavam (os brasileiros e os paraguaios) e aqueles que simplesmente eram diferentes (a comunidade muçulmana). É importante observar que, embora os libaneses fossem concorrentes diretos no mercado fronteiriço, a ameaça era percebida como vinda, não destes, mas dos grupos com quem se mantinha contato direto. Para designar os brasileiros e os paraguaios – com os quais os imigrantes negociavam face a face, a todo o momento – as categorias de *laowai* (em mandarim: “forasteiro”) e *kuailuo* (em cantonês: “fantasma do exterior”) eram seguidamente acionadas.

No entanto, as próprias negociações entre a comunidade não eram tranquilas. Embora seja possível afirmar que se trata de um núcleo bastante autocentrado nos propósitos da cultura chinesa ou numa espécie de reinvenção da “chinesidade”, muitos informantes mencionavam que a comunidade era desunida e competitiva, e que apenas a família e as redes sociais estendidas (*guanxi*) propiciavam confiança. Assim, havia uma ambivalência no discurso, fruto de identidades acionadas conforme o contexto relacional.

Sr. Kin (57 anos), por exemplo, um cantonês, proprietário de um dos mais importantes *shoppings* da cidade, referiu que fugia dos eventos sociais com os compatriotas, pois não suportava as *fofocas*, a *malícia* e a *inveja* dos chineses. Sr. Chuen (39 anos), um militante apaixonado pela causa taiwanesa separatista, mencionou que os continentais não eram pessoas confiáveis. Opinião compartilhada pelo Sr. Liu (58 anos), taiwanês, vendedor de brinquedos e professor de mandarim, quando afirma que a prática de pirataria só ocorre entre os “comunistas”, porque Mao Tse-tung afirmava que religião não era importante e “pessoa sem religião acha que pode tudo”. Chen (32 anos), cantonês, redator do jornal chinês da cidade,

em conversa, relata que, se um compatriota vê outro passando dificuldade, vai ficar parado, dando risada, esperando ele falir.

Além desses exemplos, há relatos de diversos casos de exploração entre compatriotas – fato este que, segundo Chan (2000), serve de alerta para que as comunidades chinesas não sejam retratadas sociologicamente como um todo harmônico, unido e homogêneo. Sem dúvida, conquanto se trate de uma comunidade autocentrada, existem diferenças significativas entre os imigrantes chineses, especialmente entre taiwaneses e continentais. Os primeiros foram pioneiros no processo migratório, em virtude das relações diplomáticas existentes entre Taiwan e Paraguai, estabelecidas em 1957. Isso faz com que, em função da cooperação bilateral, os taiwaneses tenham direito à cidadania paraguaia. Esse estatuto legal transforma-se em aparato moral, operando como elemento distintivo das relações hierárquicas entre taiwaneses e cantoneses e demais continentais. Os primeiros têm suas lojas regularizadas, bem como a condição de imigrante, os segundos têm de negociar, por vezes, nas brechas da lei, essa condição.

As escolas, as festas e os sindicatos são taiwaneses. Para que os imigrantes da República Popular da China participem da vida social da comunidade, deve-se passar, necessariamente, pelas esferas socializadoras taiwanesas. As crianças estudam o mandarim tradicional praticado em Taiwan, e não o simplificado, hoje, adotado no território chinês. As festas são promovidas pelo Consulado da ilha, e não é raro encontrar cantoneses em *eventos* como o de celebração da data da “independência” de Taiwan.

Muitos taiwaneses, por possuírem maior poder na configuração local, acreditam que são mais “legais” que os continentais. As mercadorias que comercializam são consideradas de melhor qualidade, embora tenham exatamente a mesma procedência – compradas de um mesmo distribuidor que importa produtos *made in China*. Para alguns imigrantes de Taiwan, os continentais são responsáveis pela pirataria, pois estes teriam chegado depois e trazido produtos de má qualidade. Religião, origem e regularização são algumas das categorias que, no universo êmico, definem a qualidade de um bem para além de suas propriedades materiais.

Todavia, estar numa posição mais confortável na hierarquia local, não significa endossar os princípios separatistas da ilha. Exceto alguns

militantes, a grande maioria dos informantes taiwaneses era extremamente contrária à independência, pontuando que existe apenas “um só coração em uma só China”, *yi ge xin, yi ge zhongguo*”. Entre os imigrantes da República Popular, a independência de Taiwan não era, simplesmente, uma questão significativa, frequentemente respondida com um gesto realizado com o braço que representava descaso ou “deixa para lá” (PINHEIRO-MACHADO, 2010).

De modo geral, embora a comunidade se considere fragmentada, competitiva e apresente essas relevantes divisões regionais, políticas e legais, não foi possível identificar nenhuma estratégia dos imigrantes para atuar socialmente fora desse circuito, mas, ao contrário, um esforço permanente para manter-se nele, pois a comunidade, ainda que imperfeita, representa uma possibilidade de exercer a terra natal idealizada pelos imigrantes (uma China milenar, tradicional, confucionista, taoísta e/ou budista), bem como uma forma de proteção e de conforto.

Nessa direção, a comunidade chinesa não é dividida em subgrupos: existem casamentos entre taiwaneses e cantoneses, eles frequentam os mesmos lugares (como restaurantes e escolas), leem os mesmos jornais e moram nos mesmos prédios, seja no lado paraguaio ou brasileiro. Em Ciudad del Este, há quatro escolas de ensino fundamental e médio, onde as crianças e jovens estudam, em língua chinesa, a história e a geografia da China. Numa delas, 250 alunos estão matriculados. Locadoras de DVD, lojas de iguarias típicas, salões de beleza e restaurantes chineses funcionam para atender a comunidade. Paraguios, brasileiros ou demais turistas não são bem-vistos nestes locais. A grande maioria dos informantes costuma ir ao templo budista, mesmo os advindos da República Popular. Todo esse universo propicia pouco contato ou trocas interculturais.

A grande maioria dos imigrantes não domina as línguas locais, português e espanhol, mesmo depois de aproximadamente duas décadas de imigração. Pelo que se pôde constatar no trabalho de campo, nem as professoras das escolas sabem falar espanhol. Elas são, em geral, mulheres dos comerciantes e não detêm formação profissional na área de educação e dão aula por considerarem que alguém deve desempenhar esse papel na comunidade. Os imigrantes sabem, entretanto, a linguagem do comércio, que os possibilita falar com seus empregados paraguaios e clientes brasileiros.

Tal autocentramento não se deve somente ao fato de que existe um sentimento de superioridade étnica contra os “fantasmas estrangeiros”, ou ao fato de tratar-se de “um povo fechado”, que quer preservar sua cultura acima de tudo - conforme os chineses são retratados pelo senso comum. Uma das questões centrais que está em jogo neste processo é a característica do ambiente para o qual se migrou, que se impõe como um local extremamente hostil e, conseqüentemente, a valorização dos iguais surge como uma forma de proteção e de resguardo. Afinal, a região fronteiriça é vista como um “lugar maldito” pelos meios de comunicação (RABOSSO, 2004), sendo alvo de numerosas políticas públicas de combate ao contrabando, pirataria, tráfico de drogas e de armas. Os imigrantes são alvos diretos de tais práticas e discursos. Eles também alegam que sofrem preconceito racial e que, por isso, são frequentemente assaltados nas ruas de Ciudad del Este. Diante desse contexto geral, lá atua um braço da máfia chinesa internacional, que cobra por proteção forçada. Devido a todos esses aspectos mencionados, o autocentramento é, portanto, um mecanismo de proteção em sentido amplo.

A família aparece, assim, como um *locus* de segurança e paz. No momento em que se tem consciência de que o lugar para o qual se migrou apresenta cada vez mais limitações econômicas, sociais e culturais, as redes familiares ultramar constituem uma esfera de trocas de dinheiro, de crédito e de afeto, sendo a comunidade um espaço provisório na qual se constroem as identidades. Como relatou o Sr. Chen:

[...] ninguém aqui empresta dinheiro para ninguém, mas deixa o outro se ferrar por conta própria, mas na família é diferente. Eu posso não ver o meu irmão mais velho há 20 anos [que está em Toronto], mas eu sei que a hora que eu precisar, eu vou contar com a ajuda dele, porque é um vínculo que não se desfaz.

Seguindo o modelo convencional da diáspora chinesa, os negócios dos migrantes de Ciudad del Este são familiares e a vida pública e privada confundem-se na esfera das pequenas, porém rentáveis, lojas, em que se passa a maior parte do tempo<sup>4</sup>. No escopo da família, é fundamental que haja

---

<sup>4</sup> Os filhos costumam ajudar na loja até a idade de estudar. A segunda geração, segundo observado no trabalho de campo, tem se dedicado aos estudos.

estabilidade. O trabalho entre essas redes pessoais faz com que informações circulem com mais rapidez e lealdade, as desavenças sejam mais facilmente contornadas e o lucro concentre-se na mesma unidade. Este fato é, para alguns autores de um amplo campo de estudos de migração chinesa, o responsável pelo sucesso nos empreendimentos econômicos, como uma espécie de ética confucionista que opera nos negócios (ver FREEDMAM, 1967; OXFELD, 1992; REDDING, 1993; DELAUNE, 1998; CHAN, 2000; GIPOULOUX, 2000; MAMUNG, 2000; MACKIE, 2000; SCHAK, 2000; WU, 2000; TAN, 2004; PINHEIRO-MACHADO, 2007; entre outros).

Em suma, é possível falar em um autocentramento relativo, no qual conviver entre a comunidade é uma forma de manter uma espécie de elo com a China e cultivar uma idealização da terra natal, que pode também se constituir como uma terra perdida, já que alguns afirmam que não reconhecem a China pós-abertura econômica (“*a China do meu coração não é a mesma da televisão*”[...] - relatou um informante). Autocentramento, nesta análise, portanto, não se refere a um espaço harmônico, de iguais e de reciprocidade coletiva, mas, antes, a algo imperfeito e em constante equilíbrio. Diante do fato de que a própria existência da comunidade esteja sob risco ante a crescente fiscalização brasileira, é na família local ou internacional que os laços de confiança se fortalecem.

## TENSÕES E NEGOCIAÇÕES DAS RELAÇÕES INTERÉTNICAS

No escopo familiar, é possível observar o que os imigrantes concebem como “harmonia”. Trata-se de um ordenamento do mundo estável, em que o amor filial e o cultivo dos cerimoniais - princípios confucionistas - não devem ser questionados. Ademais, a família, ao trabalhar unida, constitui-se num *locus* seguro de circulação do dinheiro. A vida, no exterior, contudo, é uma ameaça à manutenção dessa ordem.

Os jovens possuem consciência de que os pais dão o máximo de si para que não haja casamento interétnico, pois isso seria fonte de conflitos na família: princípios e práticas chinesas seriam questionados. Mas a segunda geração quer relacionar-se com o universo social onde cresceram. Pedro Li, um informante de 26 anos, relata que se sentia brasileiro, paraguaio e

chinês ao mesmo tempo. Mas o namoro com uma brasileira foi fortemente evitado pela família, que o mandou de volta para Taiwan.

Uma conversa com o Sr. Chen, entretanto, foi paradigmática nesse sentido. Ele tinha seus 32 anos, na época, uma faixa etária rara na comunidade, e vivenciava justamente todos os conflitos de valores geracionais entre a fase de transição da vida jovem à adulta. A conversa iniciou com o tema do caso de Paulo Li, e ele, nervoso, acendeu um cigarro, balançou a cabeça e disse:

*São os calores da juventude, todos são assim, mas quando crescem descobrem o que é melhor para si. Casamento tem que ser com uma mulher chinesa, pois elas pensam como nós, nos dão suporte para crescer. Brasileiras e paraguaias são sanguessugas, imediatistas, levam qualquer homem à miséria.*

Durante tal conversa, o telefone tocou. Ele resmungava, fumava ainda mais e suave frio. Desligou e começou a falar em tom de desabafo:

Era minha ex-mulher... Quer mais dinheiro...

*Tê digo uma coisa: todo o chinês que casa com uma paraguaia fica pobre. Eu não conheço nenhum que não tenha ficado, porque mulher paraguaia tira nosso dinheiro. Vocês, latinos, só pensam no hoje, no hoje. Saí da China pobre e juntei 20 mil dólares em pouco tempo aqui, até casar com uma paraguaia, que tomou todo meu dinheiro. Eu dava tudo para ela: perfumes, casa, carro, cremes, tudo de primeira linha. Tinha 60 pares de sapato e 30 blusas. Eu nunca comprei nada para mim só para ela e meu filho. Mas ela sempre queria mais e mais e mais, nunca estava satisfeita com o que tinha. Eu tinha que dar o dinheiro que ela pedia, porque era minha mulher, responsabilidade minha, não podia ter a mãe dos meus filhos queixando-se de mim para meu filho. Hoje, eu não tenho nada e nenhum chinês que casou com mulher latina tem, porque vocês só pensam em ser feliz hoje, porque são jovens, não pensam no dia da amanhã. Sabe por que as famílias não gostam que a gente case com estrangeiras? Porque sabem que isso faz a gente se desviar. Mulher latina é boa para se divertir, são fáceis e tem corpinho bonito, são alegres. Mas para casar não dá. Hoje, eu quero uma mulher chinesa para casar e conseguir reestruturar minha vida e estar concentrado para juntar dinheiro para mim e para o estudo de meus filhos.*

Esse depoimento expressa uma visão de mundo muito particular e masculina. Os latino-americanos são vistos como imediatistas e os chineses como persistentes. A mulher é fonte de uma tentação quase diabólica. Ela é fútil e “fácil”. Mas mesmo assim, ele continua alimentando a coleção de sapatos, celulares e cremes, pois acredita que possui um vínculo inquebrável de responsabilidade com a família, no qual não deve apenas pagar o estudo do filho, mas também deixar a mulher satisfeita para que não reclame dele para o filho. Nesse contexto, a mulher chinesa, com todas as suas virtudes, aparece como a fonte de segurança de uma vida estável.

Depois do casamento frustrado, o pai de Chen mandou dinheiro para que ele fosse se recuperar da tristeza em Taiwan. E novamente a comparação com os latino-americanos é acionada em contraste com a estabilidade da família chinesa:

*Eu cheguei lá e não via meu pai há anos, mas eu sabia que podia contar, que lá eu teria ao acolhimento da burrada que fiz. Meu pai me olhou e não disse nada, me abraçou forte e eu sabia o que tudo aquilo significava. É diferente de vocês que ficam de conversinha, se abraçam a toda ora, são cínicos. Mas depois dão um tapa pelas costas. A gente não precisa disso, naquele abraço estava todo o amor.*

Não é raro, entretanto, homens adultos manterem relacionamentos extraconjugais com funcionárias jovens, brasileiras ou paraguaias. O casamento é que deve ser evitado<sup>5</sup>. A mulher chinesa tem uma responsabilidade imensa no que concerne à transmissão cultural: é ela quem educa, cozinha e ajuda na loja. Algumas delas possuem um poder na relação conjugal e comercial. No cassino de Ciudad del Este, um dos únicos locais de sociabilidade para os chineses, elas dominam a ambiência, apostando centenas e até milhares de dólares na roleta. Mas essa não é a realidade vivida pela maioria, que costuma se calar ao ver seus maridos mantendo relações paralelas. Isso faz com que nasça uma solidariedade espontânea feminina, que evita e repudia a mulher estrangeira.

Dada todas essas situações, o contato interétnico acaba caracterizando-se pela tensão e hostilidade. O choque de visões de mundo,

<sup>5</sup>Yeni, a única mulher chinesa conhecida por meio desta pesquisa, que assumiu publicamente um relacionamento com um paraguaio, também compartilha o sentimento de não se sentir mais chinesa, ao afastar-se - e ser afastada - da comunidade.

baseado especialmente nas diferentes noções de tempo, torna tais relações dramáticas para todos os grupos envolvidos. Trata-se de um conflito velado, que, muitas vezes, pode-se observar nas situações mais ordinárias possíveis. Uma cena observada - microscópica, porém reveladora - na pequena loja do Sr. Wan, mostrava as tensões presentes no cotidiano: havia um humilde funcionário do governo paraguaio, que cobrava algumas taxas de regularização da loja. Enquanto o paraguaio segurava documentos e notas fiscais, Wan falava:

*Latinos, paraguaios são burros: ganham um dinheirinho e já enchem o carro de gasolina no final de semana e vai pra praia, depois não tem dinheiro para comer, chinês pensa no futuro. Latinos são maus, safados e egoístas. Te dão sorrisinho, dizem que são teus amigos, mas depois...*

Ao falar essas palavras (a ideia de cinismo latino era muito semelhante à apontada por Chen), Wan estava utilizando uma estratégia narrativa para dar uma mensagem ao paraguaio que desejava cobrar alguma conta. Enquanto pesquisadora, só cabia ouvir e concordar com tudo que ele dizia. De certa forma, essa concordância significava uma legitimação das suas ideias.

O paraguaio fingiu que não ouviu os insultos e, então, inesperadamente falou-me, com ar humilde: *Toma um dólar*. E eu, surpresa com a atitude, perguntei:

- Mas por quê?

- Tu não és estudante?

- Sim, sou!

- Então! Estudantes são todos pobres! Toma esse dólar que tu vai precisar para tomar uma Coca-cola quando cansar deste calor da cidade. E assim tu sempre vai lembrar que um dia um paraguaio te ajudou.

Ao negar a dádiva e agradecê-lo, salientando a gentileza e a solidariedade do gesto, estava, de forma indireta, respondendo às agressões que o informante fazia aos paraguaios. Nenhum dos dois falou diretamente o que pensava, ambos dirigiram-se a mim para expressar o que queriam dizer para o outro. Nesse episódio, fui mediadora de um conflito que

ocorre no cotidiano, de forma não explícita e que aponta um quadro de tensões frutos de uma relação de interdependência.

Diante da pobreza do país, a população nativa necessita de forma vital dos empregos diretos oferecidos pelos imigrantes, bem como da cadeia indireta promovida pelo comércio. Os chineses (e árabes também) possuem o capital econômico, detendo melhores condições de vida do que os altos funcionários do governo paraguaio. Assim, interação entre paraguaios e chineses é mais difícil do que entre chineses e brasileiros, pois envolve a relação patrão-empregado e uma correlação assimétrica de poder. Se chineses falam pouco espanhol, não é raro ver um paraguaio dominando o mandarim. A maioria dos comerciantes possui funcionárias que trabalham há uma ou duas décadas para eles, constituindo-se concomitantemente uma relação de confiança e distanciamento. Disse uma funcionária de loja: “ele [proprietário chinês] não vive sem mim. Eu falo tudo para ele, porém, há seis anos, eu tenho que abrir a minha bolsa e mostrar o que tem dentro antes de deixar a loja no fim do expediente”.

Esse quadro de autocentramento e desprezo pelos nativos por parte da primeira geração pode ser entendido simplesmente como uma forma de racismo e sentimento de superioridade. As árduas condições sociais vividas na fronteira sugerem que se trata de uma discriminação que visa a proteger contra um universo hostil de fiscalização, o qual pode impor a necessidade de tomar medidas abruptas, como a mais dramática delas, que é ter de deixar a fronteira. De fato, os chineses sempre tiveram consciência de que aquele comércio da fronteira, por ser extremamente visado e combatido internacionalmente, apresentava limites e sinais de esgotamento. Nesse contexto, fechar-se é, também, uma forma de minimizar o sofrimento advindo da decisão de migrar novamente.

## **A FISCALIZAÇÃO NA REGIÃO FRONTEIRIÇA E AS NOVAS POSSIBILIDADES DE DESLOCAMENTOS**

A partir de 2002, o governo brasileiro iniciou uma série de operações de combate ao contrabando que entra no país via Paraguai. Essas ações obtiveram proporções jamais realizadas nas fronteiras nacionais. O trabalho tem sido feito através de ações conjuntas e simultâneas entre a

Receita Federal e as polícias federal, estadual e rodoviária. O monitoramento das fiscalizações conta com a ajuda de satélites, helicópteros, funcionários novos e um serviço de inteligência especializado. Porém a ação que teve maior impacto no comércio foi a construção de uma nova aduana, que entrou em funcionamento no lado brasileiro da Ponte da Amizade, em 2006.

Essa política que visa a acabar com o contrabando e também com a pirataria tem alcançado resultados, dessa maneira, diminuindo o fluxo de comerciantes brasileiros que vão ao Paraguai em busca de mercadorias. Nesse sentido, as metas governamentais têm sido positivas, porém uma das consequências disso é o aumento do desemprego e da violência na região fronteiriça. Segundo o discurso local, observado durante o trabalho de campo, a prostituição é o caminho para muitas mulheres que perderam seus empregos informais em atividades que desempenhavam na complexa cadeia de passagem de mercadorias de uma cidade para a outra. Os homens, por seu turno, passaram a integrar grupos organizados e especializados em assaltos<sup>6</sup>.

Esse quadro provocado pela fiscalização teve impacto direto nas atividades comerciais dos imigrantes. No ano de 2006, muitos deles começaram a vender suas propriedades e a planejar entrar noutra atividade ou migrar novamente. Em 2011, em uma rápida visita realizada a Foz do Iguaçu, muitos informantes já haviam abandonado a região. Assim, a primeira década dos anos 2000 foi, basicamente, um período de reestruturação da vida comercial e pessoal. Segundo informações do consulado taiwanês de Ciudad del Este, em 2005, antes mesmo da inauguração da nova aduana, cerca de 50% dos chineses já haviam abandonado a fronteira e migrado, principalmente, para São Paulo.

Cabe agora mencionar novamente Lily, a personagem apresentada na abertura deste artigo. Ela veio de uma família pobre que morava no interior da província de Guangdong. Enquanto mais de 90% da população chinesa provém da etnia Han, Lily pertence a uma minoria étnica da China e seu dialeto é incompreensível fora de sua aldeia. O surgimento das fábricas de cópias em sua região fez com que se abrissem oportunidades de trabalho para muitas pessoas. Para ela, significou a chance de mudar de vida radicalmente, atravessar o mundo e vender o que seu país começava

---

<sup>6</sup> Eu mesma fui vítima de um desses assaltos organizados por ex-sacoleiros.

a produzir em abundância. A história de Lily é semelhante a de muitos chineses da fronteira, especialmente, daqueles vindos da República Popular da China: saiu clandestina do país, reuniu poucos trocados que tinha e com esse dinheiro pagou um grupo especializado em promover a imigração ilegal para o Paraguai. Desembarcou no Brasil e, de carro, chegou a Ciudad del Este. Lá foi fácil, aos poucos, pagar por sua “legalização”, com o oferecimento de propina a oficiais do Estado paraguaio, bem como reverenciando seus conterrâneos de Taiwan, de quem ela alugava seu apartamento.

Aos poucos, ela comprou uma *van* (o que é fácil e barato no Paraguai, por meio do mercado de roubo), um carro Toyota velho, alugou duas lojas e um depósito. Ela pagava o aluguel da casa e duas mensalidades escolares de seus filhos. Os tempos áureos dos sacoleiros fazia com que ela importasse um contêiner por mês. Em 2006, a mercadoria encalhada estava no depósito para ser revendida aos comerciantes que resistiram. A loja no Paraguai fechou e apenas a de Foz do Iguaçu manteve-se aberta. Durante as noites que eu costumava estar com ela, eram raros os fregueses que apareciam. E estes compravam no máximo cinco dólares. Ela montou uma banca de sorvetes também, mas sua pouca habilidade no ramo fez com que tivesse, também, prejuízo.

Em uma tarde de trabalho de campo, estávamos sentadas na rua e ela perguntou sobre a minha cidade natal. *Como é Porto Alegre?* Eu respondi, vagamente, que é uma cidade boa. Ela interessou-se e disse que, então, iria para lá. Um mês depois, reencontramo-nos e ela me disse, novamente, que iria a Porto Alegre. O discurso começou a ficar cada vez mais sério, perguntando-me preços de aluguéis e possibilidades de lucros. O que a estimulou a cogitar a mudança para aquela cidade que era o laço que possuía comigo.

Ao contrário da grande maioria dos chineses de Ciudad del Este, Lily só tinha parentes na China. Ela veio apenas com seu jovem marido e os dois filhos nasceram na fronteira. Eu era um dos seus contatos mais próximo. As famílias de maior poder aquisitivo, de proprietários de *shoppings*, distribuidoras ou mesmo fabricantes, possuem condições de ir para os Estados Unidos, Canadá ou México, onde possuem negócios ou demais parentes. Toronto, por exemplo, tem recebido muitos comerciantes abastados de Ciudad del Este, que, no Canadá, vão desenvolver o mesmo

tipo de atividade. As famílias com menor poder aquisitivo, em situação adversa e com menos condições de abrir-se para o mundo, têm apenas o Brasil como horizonte, pois é mais barato e a readaptação dos filhos (em termos de socialização e linguagem) é menos dramática.

Dentre os meus informantes, duas famílias destacavam-se em relação às demais em termos de renda. São casos de imigrantes que não precisaram deixar a fronteira, pois seus negócios não atendiam sacoleiros, mas turistas. Uma dessas famílias possuía lojas na fronteira, em São Paulo, no Canadá e fábricas na China. Eles viajavam de um país para outro com facilidade e possuíam, para tanto, uma rede extensa de parentesco. A Sra Yan, 56 anos, outra informante, de origem hongkonesa, tem um filho que cuida uma loja no Canadá, outro no Paraguai e o marido sempre viajando em busca das mercadorias. A vida dela é um trânsito constante entre esses países. Ela tem um sobrinho que também cuida da loja paraguaia e a família deste encontra-se em São Paulo.

A possibilidade de deslocamento constante, entretanto, é obtida por poucos imigrantes. Embora a maioria dos informantes possua redes internacionais, a condição financeira vivida por eles faz com que o contato presencial seja raro, inexistente por décadas, mas mantendo-se sempre viva a possibilidade de, caso piorarem, contar com essas pessoas em necessidade de mudança ou auxílio financeiro.

O caso da Lily, com seus pais ainda morando na aldeia chinesa, faz com que a única possibilidade de mudança acontecesse através de minha mediação e da relação de *guanxi* que estabeleceu comigo. Vale a pena pontuar aqui que as redes de relacionamento social na China são construídas ao longo do tempo, por meio de um código estrito de etiquetas e obrigações, tendo como consequência a possibilidade de ajuda-mútua, que se baseia na troca de favores e bens materiais. Essas redes podem ser formadas não apenas por familiares, mas também por pessoas que compartilhem algum passado: colegas e vizinhos, etc. A maioria dos informantes recorria às suas redes internacionais para projetar um novo processo migratório. Outros, como Lily, desprovidos de capital social, necessitavam *la guanxi*, ou seja, forjar *guanxi* com vistas a um interesse a curto prazo (PINHEIRO-MACHADO, 2011).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado do *boom* da indústria chinesa de produtos baratos, formou-se uma das mais novas ondas da diáspora chinesa, tendo Ciudad del Este como um dos destinos, justamente por estar localizada no seio de uma fronteira internacional. A partir dos anos 1970 e 1980, milhares de taiwaneses e cantoneses dirigiram-se a essa região para formar um dos maiores centros comerciais do mundo, porém movimentando uma economia não regulamentada, que sai do Paraguai e entra no Brasil como contrabando. O período de ouro desse mercado ocorreu entre os anos de 1980 e 1990, pois, a partir dos anos 2000, uma série de políticas públicas foi colocada em prática no intuito de coibir esse comércio.

É possível argumentar que esse processo de permanente vigia sobre o mercado chinês produziu contornos singulares à comunidade migrante, que, diante da fiscalização, sempre teve de negociar propina com o poder local, fortalecendo ainda mais o papel da comunidade e, especialmente, das redes de parentesco locais ou internacionais. No contexto observado – como é comum a diversos grupos migratórios –, a primeira geração tende a evitar o contato interétnico, o que acaba por produzir uma convivência de negociações tensas na vida cotidiana. Como refúgio, os imigrantes cultivam uma ideia perfeita sobre a China, a qual só pode ser praticada e exercida no interior da comunidade, ainda que esta seja considerada imperfeita.

O autocentramento na comunidade, mas, sobretudo, nas redes de parentesco, ganha sentido diante de um comércio que chega ao seu limite. Essa postura, sem dúvida, ameniza o sofrimento de uma nova mudança de vida. No entanto, ela não é apenas fruto do contexto de fiscalização, pois é possível argumentar que diversas comunidades chinesas mundo afora agem de forma semelhante. Todavia a hipótese aqui colocada é de que essa postura é ainda mais motivada diante das contingências locais. Por sua vez, é inegável que laços entre chineses, paraguaios e brasileiros foram construídos, apenas chama-se atenção para o fato de que a formação de tais laços gera resistência, medo e inquietação – o que pode ser traduzido em categorias nativas como desequilíbrio e desordem.

Por fim, a etnografia apresentada não objetivou a descrição de relações locais estáticas que ocorrem em um país da América do Sul, mas a

busca pelos fluxos de um processo migratório que se desloca rapidamente no tempo e no espaço. Os resultados encontrados na comunidade estudada são, portanto, fruto de um grupo que sempre imaginou a possibilidade de migrar novamente. As relações sociais lá estabelecidas, portanto, devem ser compreendidas como fruto desse contexto contingente e provisório.

## REFERÊNCIAS

- CHAN, Kwok Bun. Introduction. In: CHAN, Kwok. Bun *Chinese business networks. State, Economy and Culture*. Singapore: Prentice Hall, 2000. p. 1-14.
- DELAUNE, Florence. *Entreprises Familiales Chinoises em Malaisie*. Villeneuve D'ascq: Presse Univeritaire du Septentrion, 1998.
- DYKE, Paul. *The Canton Trade*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2005.
- FREEDMAN, Maurice. Immigrants and Associations. Chinese in Nineteenth-century Singapore. In: FALLERS, L. *Immigrants and Associations*. Paris: Mouton, 1967. p. 17-48.
- GIPOULOUX, François. Networks and Guanxi: Towards an informal integration through common business practices in greater China. In: CHAN, Kwok Bun (Ed.). *Chinese business networks. State, Economy and Culture*. Singapore: Prentice Hall, 2000. p. 57-70.
- HARNEY, Alexandra. *The China Price*. New York: The Penguin Express, 2008.
- LI, Peter. Overseas Chinese networks: A reassessment. In: CHAN, K. B. (Ed.) *Chinese business networks. State, Economy and Culture*. Singapore: Prentice Hall, 2000. p. 261-284.
- MACKIE, Jamie. The economic roles of the southeast Asian Chinese. In: CHAN, Kwok Bun. *Chinese business networks. State, Economy and Culture*. Singapore: Prentice Hall, 2000. p. 234-260.
- MaMUNG, Emmanuel Ma. *La diáspora chinoise géographie d'une migration*. Paris: GéOphrys, 2000.
- OUYANG, Junyi. Differences culturais autor du terme 'ponctualité'. In: ZHENG, L.; DESJEUX, D. (Ed.). *Entreprises et vie quotidienne em Chine*. Paris: L'Harmattan, 2002. p. 55-64.
- PAN, Lynn. (Org.). *The encyclopedia of Chinese overseas*. Singapura: Didier Millet, 2006.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. A ética confucionista e o espírito do capitalismo. *Horizontes Antropológicos*, n.28, p. 145-174, 2007.
- \_\_\_\_\_. Fazendo guanxi: dádivas, etiquetas e emoções da economia da China pós-Mao. *Mana*, v.17, p. 99-130, 2011.
- PUN, Ngai. *Made In China*. Durham: Duke University Press, 2005.

RABOSSO, Fernando. *Nas ruas de Ciudad del Este*. 2004. 318ffs. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

REDDING, S. Gordan. *The spirit of Chinese capitalism*. Berlin/New York: de Gruyter, 1993.

SHACK, David C. Networks and their uses in the Taiwanese Society. In: CHAN, Kwok Bun (Ed.). *Chinese business networks. State, Economy and Culture*. Singapore: Prentice Hall, 2000. p. 112-129.

SOLINGER, D. *Contesting Citizenship in Urban China*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1999.

TAN, Chee-Beng. *Chinese Overseas, Comparative Cultural Perspectives*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2004.

TROLLIET, Pierre. *La diaspora chinoise*. Paris: Puf, 2000.

YANG, Mayar Mei-Hui. *Gifts, favors & banquets*. London: Cornell Univ. Press, 1994.

ZHANG, Li. *Strangers in the city*. Stanford: Stanford University Press, 2001.